Do esquecimento à lembrança: O Museu das Mulheres de Santa Maria¹

Del olvido a la memoria: El Museo de las Mujeres de Santa María

From Forgetting to Remembering: The Museum of Women of Santa Maria

Jessica Tavares de Souza²

Daiane Teresa Bedin³

Resumo

Este artigo narra a trajetória de construção do Museu das Mulheres de Santa Maria (MUSA) e a importância da preservação da memória coletiva, especialmente no que diz respeito às experiências de mulheres. A autora reflete sobre suas próprias experiências de esquecimento, iniciadas na infância, e como essas memórias se entrelaçam com o desejo de criar um espaço dedicado às histórias das mulheres. A lembrança de momentos com sua tia Leonice serve como um ponto de partida para entender a relevância das narrativas pessoais na formação da identidade e da memória. O texto discute a evolução das práticas museológicas e a importância da história oral na preservação da memória das mulheres. Através da experiência vivenciada, o MUSA emerge como um local de acolhimento e resistência, permitindo que essas histórias sejam contadas e lembradas, reafirmando sua importância no contexto social e cultural. A autora conclui que a preservação da memória é essencial para a vida e a identidade, destacando que as histórias não apenas moldam o presente, mas também oferecem um legado para as futuras gerações.

Palavras-Chave: Memória; Museu das Mulheres de Santa Maria; Gênero; Mulheres; Museologia de gênero.

Resumen

Este artículo narra la trayectoria de construcción del Museo de las Mujeres de Santa Maria (MUSA) y la importancia de la preservación de la memoria colectiva, especialmente en lo que respecta a las experiencias de las mujeres. La autora reflexiona sobre sus propias experiencias de olvido, que comenzaron en la infancia, y cómo esos recuerdos se entrelazan con el deseo de crear un espacio dedicado a las historias de las mujeres. La memoria de momentos con su tía Leonice sirve como punto de partida para entender la relevancia de las narrativas personales en la formación de la identidad y la memoria. El texto discute la evolución de las prácticas museológicas y la importancia de la historia oral en la preservación de la memoria de las mujeres. A través de la experiencia vivida, el MUSA emerge como un lugar de acogida y resistencia, permitiendo que estas historias sean contadas y recordadas, reafirmando su importancia en el contexto social y cultural. La autora concluye que la preservación de la memoria es esencial para la vida y la identidad, destacando que las historias no solo moldean el presente, sino que también ofrecen un legado para las futuras generaciones.

¹ Artigo apresentado no X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2024.

² Mestre em Patrimônio Cultural; Universidade Federal de Santa Maria; Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil; souza.jessica@acad.ufsm.br.

³ Graduada e mestranda em Comunicação; Universidade Federal de Santa Maria; Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil; daiane.bedin@acad.ufsm.br.

Palabras claves: Memoria; Museo de las Mujeres de Santa Maria; Género; Mujeres; Museología de género.

Abstract

This article narrates the trajectory of the construction of the Museum of Women of Santa Maria (MUSA) and the importance of preserving collective memory, especially regarding women's experiences. The author reflects on her own experiences of forgetting, which began in childhood, and how these memories intertwine with the desire to create a space dedicated to women's stories. The recollection of moments with her aunt Leonice serves as a starting point for understanding the relevance of personal narratives in the formation of identity and memory. The text discusses the evolution of museological practices and the importance of oral history in preserving women's memory. Through lived experiences, MUSA emerges as a place of welcome and resistance, allowing these stories to be told and remembered, reaffirming their significance in the social and cultural context. The author concludes that preserving memory is essential for life and identity, emphasizing that stories not only shape the present but also offer a legacy for future generations.

Keywords: Memory; Museum of Women of Santa Maria; Gender; Women; Gender Museology.

1. Introdução

A minha vontade de preservar memórias começou ainda na infância. Houve um dia, que não foi dos mais agradáveis, em que percebi que começava a esquecer certas coisas. Isso aconteceu por volta dos dez anos, quando tentei me lembrar do nome de um filme que tinha visto com a minha mãe. Fiquei extremamente surpresa ao perceber que, por mais que me esforçasse para resgatar essa informação no meu "arquivo de memórias", não consegui. Passei anos remoendo esse esquecimento. Era um filme de suspense, cujo nome só recordei anos depois, já adulta, graças a um comentário aleatório no Facebook. O filme era *Os Outros*, dirigido por Alejandro Amenábar.

É engraçado como a memória nos prega peças, fazendo com que esqueçamos algumas informações importantes. O segundo esquecimento "fatal", que persiste até hoje, envolve um livro que a minha tia Leonice costumava ler para mim. Tratava-se de um livro sobre mitologia grega, e eu gostava muito da história de Teseu. Lembro-me do medo que a figura do minotauro me causava. Nenhuma outra versão dessa história parece suficiente para mim; não importa quantas vezes eu leia em outros livros, preciso daquela versão específica. Claro, alguns fatores contribuíram para esse esquecimento, como o fato de o livro estar encapado com papel pardo. Assim, eu nunca soube o nome nem vi a capa, e, como eu não sabia ler na época, apenas olhava as figuras.

O livro fazia parte da antiga biblioteca do meu avô, já falecido. Quando minha tia me recebia, sempre zelosa e hospitaleira, preparava uma cama de cobertores ao lado da dela, e, com toda a sabedoria e paciência, lia algum mito do livro ou me contava alguma história. Não me recordo de ela ler outro livro para mim. Talvez vocês pensem: por que não perguntar à tia

Leonice qual era o livro? Pois bem, ela também não se lembra onde o guardou. Provavelmente, está perdido entre os outros livros dela, ou alguém pode ter pegado. Talvez meu pai o tenha vendido para algum sebo. Na casa dos Tavares, ninguém sabe o paradeiro do livro encapado com papel pardo. Só sei que ele existe porque minha tia também se lembra, do contrário, eu acreditaria que inventei essa memória. O curioso é que só fui me lembrar desse esquecimento quase uma década depois!

Sempre que conto essa história, percebo que o medo não era de esquecer o livro (do qual já nem me lembro mais) ou a história de Teseu. O verdadeiro temor era esquecer as pequenas coisas que fizemos juntas. O que realmente me assusta é a ideia de perder a lembrança de como eu me sentia ao deitar ao lado dela, ouvindo suas histórias, sentindo seu carinho e acolhimento. Imaginar tudo o que ela contava, sentindo uma admiração que marcou profundamente minha existência, era o que me fazia temer o esquecimento. No fim, ela me ensinou, permitiu e incentivou a imaginar.

Minha tia Leonice me ensinou várias coisas, entre elas, o valor de uma história e, conseqüentemente, o valor de uma memória. Ela é uma senhora de longos cabelos brancos, pele parda, olhos grandes e um semblante que por vezes parece rabugento. Enfermeira aposentada, evangélica, filha da dona Maria e do senhor Joaquim, meus avós paternos, sempre foi uma leitora ávida e adorava visitar museus. Grande parte dos meus interesses vem dela. Lembro-me dos dias que passávamos no centro de São Paulo. Mesmo depois de andarmos toda a Rua 25 de Março, ela ainda tinha disposição para visitar museus. Perdi as contas de quantas vezes fomos à Pinacoteca de São Paulo. Uma vez, visitamos o Museu da Energia de São Paulo, e lembro-me de uma geladeira minúscula, que mais parecia uma caixa. Nesse dia, ela também me presenteou com dois pares de meias.

Foi muito doloroso, ao chegar à vida adulta, reconhecer que o acesso ao meu "arquivo pessoal" estava mais difícil e fiquei aterrorizada com a possibilidade de esquecer as histórias da tia Leonice. Pierre Nora *acertou em cheio* em suas reflexões sobre memória e o medo de perdê-la. O fato é que já me esqueci de muitas coisas e a vida tem sido essa valsa de lembrar e esquecer, esquecer e lembrar.

Na graduação, meu trabalho de conclusão de curso abordou os museus, especificamente um levantamento das instituições vinculadas ao Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul (SEM/RS). Busquei identificar quais dessas instituições começaram a utilizar a internet em resposta à pandemia. À título de curiosidade, houve um aumento de

19,6% na inserção de novas instituições museológicas no ambiente digital durante esse período (Souza, 2021).

Durante o mestrado, decidi "construir" um museu. Aqui, quero contar um pouco da história do Museu das Mulheres de Santa Maria, o qual está profundamente entrelaçado com a minha própria história. O MUSA, como carinhosamente o apelidei, é, para mim, um templo, uma casa, um lar. Ele foi idealizado e construído com muito esforço, persistência e carinho por várias mãos. Um lugar para lembrar, esquecer, relembrar, contar histórias, ouvir e ser ouvida.

Às vezes nos esquecemos da preciosidade que é estar vivo, ter histórias para contar e pessoas das quais lembrar. Mesmo aqueles que já partiram continuam a existir por meio da memória, que considero uma forma de *vida após a morte*. O MUSA existe porque a Jessica de dez anos gostaria de ter um lugar para guardar as histórias que ouviu. E porque a Jessica de trinta e um anos acredita que histórias são um patrimônio a ser preservado.

Neste artigo, o objeto de estudo é o Museu das Mulheres de Santa Maria, localizado no município de Santa Maria, Rio Grande do Sul, construído a partir da história oral. A pesquisa foi desenvolvida em parceria com as mulheres da cidade, as quais desempenharam um papel essencial na criação do museu. O MUSA consolida-se como um espaço para registrar, preservar e difundir a memória das mulheres, além de reafirmar sua importância.

Ao longo dos três anos de projeto, aprendi muito com as mulheres que compõem as exposições, especialmente com as primeiras que entrevistei. Aprendemos, juntas, a vivenciar, construir e interpretar a história, que aqui não representa apenas um fato isolado, mas sim a percepção da memória, dos sentimentos, do diálogo e dos múltiplos olhares. A partir da vivência coletiva, pudemos evidenciar a memória dessas mulheres e relacioná-la à história, demonstrando o poder transformador da palavra.

A elaboração teórica, conceitual e metodológica orienta os objetivos deste estudo. Compreendemos que as mulheres não foram tratadas como "objeto" de pesquisa, pois a construção do museu não se deu para elas ou sobre elas, mas com elas. A proposta é fruto de um trabalho colaborativo entre as mulheres envolvidas. E se tornaram, ao longo do processo, co-protagonistas da constante construção, desconstrução e reconstrução do museu. Elas representam suas próprias trajetórias: suas escolhas, recusas, vivências e leituras de mundo, além de práticas sociais e experiências pessoais. Nós, juntas, forjamos a existência deste projeto.

2. Memória coletiva, patrimônio e gênero

Os papéis sociais de gênero (Scott, 1995) que foram construídos e aplicados na sociedade estipulam os lugares (ou não lugares) que as mulheres devem ocupar (Perrot, 1989). Como resultado, as mulheres são mais inclinadas a permanecer no privado (Perrot, 1989; Kofes; Piscitelli, 2011; Facina; Soihet, 2004), no cotidiano, e serem responsáveis pelas tarefas domésticas e pelo trabalho de cuidado independente do contexto “qualquer que seja sua situação social, sua posição na família e trabalhe ela ou não fora do lar” (Bruschini; Lombardi, 2000, p. 70), enquanto os homens são mais propensos a serem responsáveis pelo trabalho remunerado fora de casa e a ocupar as narrativas históricas de eventos públicos (Flores, 2008).

Essa suposta divisão binária cria um “mundo dos homens”, que seria o público, e o “mundo das mulheres”, que seria o subjetivo. Como resultado, as experiências de vida, as histórias de família e as tradições culturais são transmitidas de geração em geração geralmente pelas mulheres, que, assim, desempenham um papel essencial na formação da memória social (Gluck; Patai, 1991; Rago, 2001). Por isso (mas não só por isso), mulheres têm papel fundamental na cultura, e são as maiores responsáveis pela perpetuação dos valores culturais e da história da sociedade, como nos lembra Michelle Perrot (1989), mulheres são “guardiãs da memória”.

Entretanto, a memória coletiva que é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado (Le Goff, 2003, p. 30), juntamente com a social, é construída de forma colaborativa pelos membros e estruturas da sociedade. A memória social e coletiva é importante para a manutenção da identidade cultural e para a preservação da história da sociedade. Se tratando de mulheres, étnica e racialmente diversas, a memória social é fundamental para a resistência e para a afirmação de suas identidades (Fentress; Wickam, 1992; Oliveira; Queiroz, 2017).

A carência da participação de mulheres em espaços de memória (Gomes; Vasconcelos, 2016; Mariuzzo, 2016; Wichers, 2018) é um problema que se manifesta em todo o mundo. E, é significativamente menor do que a presença de homens, pois as mulheres sempre estiveram “destinadas à esfera privada, por longo tempo, elas estiveram ausentes das atividades consideradas dignas de serem registradas para o conhecimento das futuras gerações” (Facina; Soihet, 2004, p. 15). Isso se manifesta de várias maneiras, como a falta de representação de

mulheres em museus, arquivos e outros espaços de memória. Além disso, as narrativas históricas tendem a privilegiar a contribuição dos homens, já que o seu mundo é público, enquanto a contribuição de mulheres é negligenciada ou ignorada (Alberti, 2010; Patai, 2010).

A memória é o espaço onde o indivíduo guarda experiências, e através dela é possível reconstruir o passado para compreender o presente. A memória coletiva é influenciada pelas tradições culturais, pelas relações de poder e pelas mudanças sociais. Porém, a memória social é dinâmica e se adapta às novas realidades. Sendo elemento importantíssimo para a construção da identidade coletiva, pois permite que as pessoas se reconheçam com os membros de uma mesma sociedade e compartilhem uma mesma cultura. A memória social também é importante para a construção da identidade individual, pois permite que as pessoas se apropriem de suas origens e de sua história. O problema é: por muito tempo, a história foi contada por homens, o que resultou em uma narrativa incompleta e parcial.

Apesar das mulheres estarem em uma “categoria indistinta, destinada ao silêncio” (Perrot, 1989, p. 10), as histórias populares das mulheres são ricas em informações sobre a vida cotidiana, as relações de gênero, as relações intergeracionais, as relações sociais e a história local. A memória social das mulheres é construída, principalmente (mas não só), “por sua capacidade de tecer redes e relações” (Facina; Soihet, 2004, p. 16) e através das relações que se estabelecem com as crianças e com outras mulheres.

As mulheres partilham experiências, valores e crenças, que são essenciais para a formação de uma consciência feminista (Facina; Soihet, 2004). Quando se fala de gênero, entende-se que a memória social de uma mulher é construída a partir de referências culturais, que permitem que sejam estabelecidas relações que criam e (re)constróem suas identidades. A memória das mulheres é a memória da experiência das mulheres e a forma como as mulheres lembram e transmitem suas histórias, tradições e valores. A memória é um importante aspecto de sua identidade cultural. A “memória das mulheres é verbo e está ligada à oralidade das sociedades” (Perrot, 1989, p. 15). Essas memórias são importantes para a compreensão da história das mulheres e da sociedade como um todo.

A memória das mulheres inclui histórias de vida, experiências de gênero, trajetórias profissionais, memórias culturais, histórias familiares e outras formas de memória social. De acordo com Le Goff, as “estruturas do poder de uma sociedade compreendem o poder das categorias sociais e dos grupos dominantes ao deixarem, voluntariamente ou não, testemunhos suscetíveis de orientar a história num ou noutro sentido; o poder sobre a

memória futura, o poder de perpetuação deve ser reconhecido e desmontado [...]” (Le Goff, 2003, p. 111). Portanto, as mulheres podem e devem usar suas memórias para compreender o passado, o presente e o futuro, transformando-a em uma ferramenta poderosa para a luta contra a opressão de gênero e a discriminação.

3. História oral como ferramenta para preservar a história das mulheres

A história oral pode ser uma abordagem valiosa para preservar e transmitir a memória coletiva de uma sociedade. Ela envolve a coleta e o registro de relatos pessoais e testemunhos de indivíduos. Essa metodologia (Bosi, 1987; Alberti, 2018; Meihy; Holanda, 2010) tem sido amplamente utilizada por historiadores e pesquisadores para complementar e enriquecer os dados disponíveis em fontes escritas, proporcionando uma visão mais abrangente e humanizada dos acontecimentos passados.

A história oral emerge como uma abordagem inestimável na preservação e transmissão da memória coletiva (Errante, 2000). A aceleração do tempo e a preocupação com a perda de sentido do passado e com o aumento da capacidade de esquecer têm levado as sociedades contemporâneas a demonstrar grande interesse em recuperar a memória e também a história” (Ferreira, 2002, p. 314). Isso estende-se além das limitações das fontes escritas, permitindo-nos acessar perspectivas únicas e experiências humanas que muitas vezes são negligenciadas nos registros oficiais.

A história oral enriquece nossa compreensão e “permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da história” e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (Alberti, 2010, p. 155), oferecendo a oportunidade de desenvolver uma nova perspectiva dos acontecimentos que moldaram nossa sociedade. Além disso, ao dar destaque às narrativas pessoais, podemos perceber a complexidade das histórias individuais (FLORES, 2008) e a interconexão dessas experiências na teia da história coletiva.

Assim, a história oral complementa e enriquece os dados históricos (Delgado, 2017), permitindo-nos abraçar a diversidade e a profundidade da experiência humana através do tempo. A história oral desempenha um papel fundamental no campo interdisciplinar da história social, cultural e etnografia e sua abordagem visa compreender as experiências vividas pelos participantes em contextos específicos, permitindo o resgate de histórias individuais e coletivas (Montenegro, 1992). Como afirma Alberti (2010, p. 166) ao dizer que “a riqueza da história oral está evidentemente relacionada ao fato de ela permitir o

conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais”.

Para fomentar a discussão sobre o impacto da história oral na vida das mulheres utilizaremos o livro "Women's Words: The Feminist Practice of Oral History", organizado por Sherna Gluck e Daphne Patai, lançado em 1991. Esta obra traz diversos estudos de pesquisadoras feministas sobre a história oral, explorando suas possibilidades de impacto na vida, identidade e memória das mulheres. O ensaio do livro busca promover a compreensão dos avanços alcançados no âmbito das questões de gênero, história oral e feminismo.

É muito enriquecedor encontrar um material que consiga tratar da importância de ouvir cuidadosamente as narrativas das mulheres, de reconhecer a influência do pesquisador na interpretação das entrevistas e de adotar uma abordagem de história oral que valorize a comunicação das mulheres (Patai, 2001), permitindo que elas expressem suas experiências de forma autêntica e significativa. Mergulhando nas profundezas da vida de mulheres, a história oral pode fornecer mais significado para nossas vidas, permitindo-nos compreender e conectar-se com nossa herança cultural histórica. O livro também oferece conhecimento substancial para refletir sobre a ética da Metodologia Feminista dentro da abordagem da história oral.

A história oral tem sido amplamente difundida como uma ótima alternativa de pesquisa feministas (Patai, 2001; Facina; Soihet, 2004; Tedeschi, 2014), pois exalta e preserva o papel individual que as mulheres desempenham na história, fornece ao público uma história que vai além da social, política e acadêmica, e também contribui altamente com questões de conceitos e valores que as mulheres experimentam no seu dia-a-dia.

Porém, é evidente que a metodologia tradicional de história oral mostrou-se inadequada para os interesses das mulheres ao longo do tempo (Patai, 2001). Essa abordagem não considerava as percepções fundamentais que surgiram com o movimento de libertação das mulheres, como a compreensão de que “o pessoal é político” e a convicção de que as experiências de mulheres eram intrinsecamente valiosas e precisavam ser registradas (Gluck; Patai, 1991). Tornou-se cada vez mais claro que a história oral precisava evoluir para incorporar esses aspectos essenciais das vivências das mulheres.

A metodologia histórica tradicional revelou-se, infelizmente, um obstáculo para as primeiras estudiosas feministas que buscavam coletar narrativas orais (Gluck; Patai, 1991). Ao se basearem nessa abordagem, “foram frequentemente limitadas pela crença equivocada de que sua principal responsabilidade era apenas formular as perguntas corretas para descobrir

novos dados sobre a vida e as atividades das mulheres” (p. 9, tradução nossa). Essa perspectiva ignorava completamente as nuances e complexidades das experiências de mulheres, tratando-as como objetos de estudo em vez de sujeitos ativos de suas próprias histórias.

É evidente que a metodologia histórica tradicional negligenciou as perspectivas das mulheres, desvalorizou suas histórias, perpetuou desigualdades de gênero e contribuiu para a marginalização das vozes das mulheres na narrativa histórica dominante. Devido a isso, o apelo da história oral para as feministas é facilmente compreensível. Ao empregar a metodologia de história oral, as mulheres têm a oportunidade de contar suas próprias histórias e reexaminar o conhecimento previamente estabelecido por uma estrutura patriarcal. Esse tipo de abordagem está alinhado com o princípio de pesquisa feminista, mais tarde expresso na frase "pesquisa por, sobre e para mulheres" (Gluck; Patai, 1991, p. 2, tradução nossa).

Entrevistar mulheres não é uma atividade isenta de desafios, “gravar as palavras de uma mulher, fazer perguntas apropriadas, rir no momento certo, mostrar empatia - isso não é suficiente” (Gluck; Patai, 1991, p. 9, tradução nossa). É essencial compreender que a entrevista é um evento linguístico, social e psicológico. É preciso reconhecer a importância de levar em conta as características e estilos específicos do grupo estudado (Gluck; Patai, 1991). Ainda assim, desde os seus primeiros passos, a história oral teve um papel importante na documentação da herança, perspectiva e experiência das mulheres, sendo vários os benefícios de utilizar esta metodologia em Estudos Feministas e de Gênero.

O ponto central que Gluck e Patai (1991) apresentam é de que para uma exploração completa do potencial da entrevista de história oral, é imperativo efetuar uma transformação na metodologia adotada. O foco deve se deslocar da simples coleta de informações, centrada em perguntas específicas, para um enfoque mais interativo, onde o processo de interação é o cerne, permitindo uma perspectiva dinâmica do sujeito.

A interatividade inerente à entrevista abre portas para solicitar esclarecimentos, observar as perguntas que a própria entrevistada formula sobre sua vida e transcender as respostas convencionais e esperadas. Isso proporciona uma oportunidade única para construir, de forma pessoal, a experiência vivenciada pela mulher (Facina; Soihet, 2004; Kofes; Piscitelli, 2011). A natureza dialógica da entrevista possibilita uma apreensão mais profunda e genuína dos relatos, enriquecendo o processo, o que “nos permite ser mais sensíveis às vozes e perspectivas das mulheres que entrevistamos e promove o desenvolvimento de teorias mais

inclusivas e precisas sobre a vida e experiências das mulheres” (Gluck; Patai, 1991, p. 18, tradução nossa).

Para fortalecer a memória e a identidade das mulheres, é necessário reforçar os tradicionais meios de transmissão oral. Além disso, o (re)conhecimento de suas memórias auxilia no desenvolvimento da consciência crítica feminista, e é também um importante meio de promover a solidariedade entre mulheres, quebrando - de certa forma -, a estrutura patriarcal. As mulheres passarão então a contar suas próprias histórias, bem como as de outras mulheres, de forma a reivindicar o seu lugar na sociedade. Identificando-se sua história de vida, aquelas que ainda vivem e aquelas que deixaram este mundo, mulheres de todas as raças, classes sociais e origens contam com a história oral para construir um legado e passá-lo adiante.

4. O Museu das Mulheres de Santa Maria: um movimento social e cultural

O contexto em que os bens culturais estão inseridos costuma ser o que os torna museáveis, lhes dá significado e contribui para sua preservação ou esquecimento. Os museus "recebem, elementos pautados por uma importância, definida a partir do valor relevante para a comunidade, que pode representar a identidade coletiva dos grupos culturais" (Zarbato, 2023, p. 51). Portanto, um objeto que não tem relação emocional e nada significa para alguns, para outros pode ter um valor inestimável, e é exatamente aqui que reside a riqueza da cultura, onde tudo depende do olhar do espectador.

A inclusão da perspectiva de gênero nos museus é um avanço necessário para a construção de uma historiografia plural. Vaquinhas (2014) argumenta que os museus precisam incorporar a categoria de gênero como uma lente analítica fundamental, dado que as mulheres foram historicamente marginalizadas das narrativas oficiais. Nesse sentido, museus que adotam uma perspectiva de gênero contribuem para uma reavaliação da história, dando visibilidade a experiências e contribuições de mulheres, muitas vezes ignoradas.

O MUSA, com seu foco na memória das mulheres de Santa Maria, é um exemplo claro de como a museologia pode incluir gênero como categoria central. Ao registrar as histórias das mulheres da cidade, o museu não apenas valoriza essas memórias, mas também desafia as narrativas dominantes que tendem a nos excluir. O MUSA, portanto, representa um espaço onde a representatividade de gênero é promovida ativamente, possibilitando que as

mulheres de Santa Maria reconheçam suas experiências como parte integrante da (re)construção história e do patrimônio cultural da cidade.

Os museus, em sua função social contemporânea, têm se esforçado para serem espaços democráticos e inclusivos, que acolhem a diversidade de narrativas culturais e históricas. A museologia social, exemplificada pelo MUSA – Museu das Mulheres de Santa Maria, evidencia o papel dos museus como agentes de resistência e preservação das memórias de grupos historicamente marginalizados. Através do MUSA, as memórias das mulheres de Santa Maria encontram um espaço de difusão, valorização e reconhecimento.

A museologia de gênero apresenta desafios únicos, incluindo a necessidade de desafiar estereótipos de gênero, garantir a representação equitativa das mulheres e abordar questões sensíveis relacionadas ao gênero. No entanto, reconhecemos que há muito mais a ser feito e discutido no campo da museologia de gênero. Futuras pesquisas e iniciativas podem explorar ainda mais a representação das mulheres em museus, abordar outras questões de diversidade e inclusão, e promoção da sensibilização sobre as questões das mulheres.

Outrossim, o Museu das Mulheres de Santa Maria desempenha um importante papel na preservação da memória das mulheres, na promoção da equidade de gênero e no enriquecimento da cultura. Ele se baseia nas bases teóricas e metodológicas sobre memória, patrimônio, história oral, nova museologia e museologia de gênero. Através do museu virtual, as mulheres de Santa Maria têm a oportunidade de contar suas histórias. Mas o MUSA não apenas resgata e difunde a memória das mulheres, ele também fortalece suas identidades e desafia os preconceitos patriarcais que ainda persistem na sociedade.

À medida que o projeto se desenvolve, espera-se que ele continue a impactar positivamente a comunidade. Este projeto representa um passo importante em direção a uma outra sociedade, onde o patrimônio, a cultura e a memória das mulheres sejam (re)conhecidos, valorizados e celebrados.

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. *In*: PINSKY, Carla (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-202.

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade - lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 110, p. 67-104, jul. 2000.

CHAGAS, Mário. Memória e poder: dois movimentos. *Cadernos De Sociomuseologia*, 2002.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. *Revista História da Educação*, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 141-174, jul./dez. 2000.

FACINA, Adriana; SOIHET, Rachel. Gênero e memória: algumas reflexões. *Revista Gênero*, Niterói, v. 5, n. 1, p. 9-19, 2004.

FENTRESS, James; WICKAM, Chris. *Social Memory*. Oxford: Blackwell, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. *Topoi Revista de História*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 314-332, dez. 2002.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. Entre a casa e a rua: memória feminina das festas açorianas no sul do Brasil. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 4, p. 117-142, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1765>. Acesso em: 07 jun. 2023.

GLUCK, Sherna Berger; PATAI, Daphne. *Women's Words: the feminist practice of oral history*. New York: Routledge, 1991.

GOMES, Mariana Selister. Dos Museus dos Descobrimentos às Exposições do Império: o corpo colonial em Portugal. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 3, p. 1-15, dez. 2019.

GOMES, Mariana Selister; VASCONCELOS, Cyndiane Escarlete Dias. Os excluídos da história: mulheres, negros e indígenas nos museus de São Cristóvão/SE. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA DA UFS, 1., 2016, São Cristóvão, SE. Anais [...]. São Cristóvão, SE: PPGS/UFS, 2016. p. 752-764.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. *Museum definition*. Praga, 2022.

KOFES, Suely; PISCITELLI, Adriana. Memórias de "histórias femininas, memórias e experiências". *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 8/9, p. 343-354, 2011.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

MARIUZZO, Patrícia. Os desafios da museologia de gênero. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 68, n. 4, p. 60-62, dez. 2016.

MEIHY, José Carlos; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2010.

MONTEIRO, Elaine; ABREU, Martha Campos. Patrimônio Imaterial e afirmação negra: a política dos encontros para uma educação antirracista*. *Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural*, Florianópolis, v. 9, n. 17, p. 60-88, jul-dez 2020.

MONTENEGRO, António Torres. História oral, caminhos e descaminhos. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, 1992.

OLIVEIRA, Ana Cristina A. Ramos de; QUEIROZ, Marijara Souza. Museologia – substantivo feminino: reflexões sobre museologia e gênero no Brasil. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, n. 5. p. 61-77, 2017.

PATAI, Daphne. *História oral, feminismo e política*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, 1989.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de história*. Chapecó: Argos, 2004.

RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

SANDELL, Richard. *Museums, Society and Inequality*. London: Routledge. 2002.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. *Revista estudos feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

TEDESCHI, Losandro Antônio. *Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres*. Dourados, MS: UFGD, 2014.

TEIXEIRA, Sidélia. Nova Museologia. *Revista Cadernos do CEOM*, [S.L.], v. 35, n. 56, p. 87-97, 6 jun. 2022.

VAQUINHAS, Irene. Museus do feminino, museologia de gênero e o contributo da história. *MIDAS [Online]*. 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/midas/603>. Acesso em: 09 fev. 2022.

WICHERS, Camila A. de Moraes. Museologia, Feminismo e suas ondas de renovação. *Museologia & Interdisciplinaridade*, [S. I.], v. 7, n. 13, p. 138-154, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/17781>. Acesso em: 7 out. 2023.

ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. *Museus, mulheres e educação patrimonial: percursos e aprendizagens*. Campo Grande: UFMS, 2023. 168 p. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/5704>. Acesso em: 30 abr. 2023.